



GAZETA EXTRAORDINARIA
 DO
 RIO DE JANEIRO.

SEXTA FEIRA 30 DE MARÇO DE 1810.

*Doctrina . . . vim promovet insitam,
 Rectique cultus pectora roborant. HORAT.*

Do Correio de Londres de 29 de Dezembro.

Paris 17 de Dezembro.

POR ordem de S. M., o Imperador e Rei, todos os Membros do Senado se ajuntarão hontem ás 11 horas da manhã, em grande gala, na sala das suas sessões ordinarias. A sessão do Senado do dia de hontem, a que assistirão os Reis de *Westfalia*, e *Napoles*; o Grande Almirante Príncipe Vice-Rei de *Italia*; o Archichancellor d'Estado; o Príncipe Vice-Grão-Condestavel; e o Príncipe Vice-Grão-Eleitor; e a que presidio o Príncipe Archichancellor do Imperio; formará, por causa da importancia dos objectos que fôrão discutidos, huma época nos annaes da *França*. Apresentou-se aos Senadores naquelle dia hum projecto de *Senatus-Consultum*, relativo á dissolução do matrimonio entre o Imperador *Napoleão*, e a Imperatriz *Josefina*. Esta dissolução, exigida pelas duas altas partes, e approvada por hum conselho de familia a que assistirão todos os Principes e Princezas da Familia Imperial, recebeu no mesmo dia o assenso do Senado, depois de ter sido o objecto do exame de huma commissão especial nomeada para este effeito.

Extracto dos Registros do Senado Conservador de Sabbado 16 de Dezembro de 1809.

O Senado Conservador, junto em aquelle numero de Membros que prescreve o artigo 90 dos Actos da Constituição de 13 de Dezembro de 1799, tendo visto o Acto lavrado a 15 do corrente mez pelo Príncipe Archichancellor do Imperio, cuja substancia he a seguinte:

No anno de 1809, e a 15 de Dezembro ás 9 horas da noite, Nós *João Jacques Regis Cambaceres*, Príncipe Archichancellor do Imperio, Duque de *Parma*, exercendo as funcções, que nos são prescritis pelo tit. 2.º do artigo 14 do Estatuto concernente á Familia Imperial, e em consequencia das ordens que nos remetteo S. M. o Imperador e Rei em sua carta fechada com data deste dia, cujo theor he o seguinte:

Meu Primo. — Nós queremos que appareçaes hoje ás 9 horas da noite em o nosso grande Gabinete do Palacio das *Thuilberias* acompanhado do Secretario d'Estado civil da nossa Familia Imperial para receber de Nós, e da Imperatriz nossa querida Consorte huma communição de grande importancia; e como a presente não tem outros fins, rogamos a Deos, meu Caro Primo, que vos tenha em sua santa e digna guarda. — *Paris 15 de Dezembro de 1809.*

No verso estava escripto. A nosso Primo o Príncipe Archichancellor, Duque de *Parma*.

Nós portanto comparecemos na Sala do Throno do Palacio das *Thuilberias*, acompanhado de *Miguel Luiz Estevão Regnault*, (de *S. João d'Angely*) Conde do Imperio, Ministro e Secretario d'Estado da Familia Imperial. — Hum quarto de hora depois, nós fomos introduzidos no grande Gabinete do Imperador, onde achamos S. M. o Imperador e Rei com S. M. a Imperatriz, acompanhado de SS. MM. os Reis de *Hollanda*, *Westfalia*, e *Napoles*; S. A. I. o Príncipe Vice-Rei de *Italia*, e as Rainhas de *Hollanda*, *Westfalia*, *Napoles*, e *Hespa-*

na, e de S. A. I. a Princeza *Paulina*. S. M. o Imperador e Rei nos fallou nos termos seguintes:

Meu Primo, Principe Archichancellor. — Eu vos remetti huma carta fechada com data de hoje, ordenando-vos que comparecesteis em meu Gabinete a fim de communicar-vos a resolução, que temos tomado Eu, e a Imperatriz, minha carissima Consorte. Faço gosto que os Reis, Rainhas, e Princezas, meus irmãos e irmãs, meus cunhados, e cunhadas, minha enteada, e meu enteado, que he meu filho adoptivo, e tambem minha Mãi, sejam testemunhas do que vou communicar-vos.

A politica da minha monarchia, os interesses e precisões do meu Povo, que tem constantemente guiado todas as minhas açções, exigem que depois de mim, eu deixe a filhos, herdeiros do meu amor para com o meu povo, hum throno em que a Providencia me collocou. Porém, ha muitos annos, que tenho perdido a esperanza de ter filhos do meu matrimonio com a minha carissima Consorte a Imperatriz *Josefina*. Isto me induz a sacrificar as mais doces affeições do meu coração para attender somente ao bem do Estado, e desejar a dissolução do meu matrimonio.

Tendo chegado à idade de 40 annos, posso abandonar-me á esperanza de viver ainda bastante para educar, segundo as minhas vistas, e sentimentos, os filhos, que a Providencia quizer dar-me. Deos sabe quanto esta resolução tem sido penosa ao meu coração; mas não ha sacrificio superior á minha coragem, que eu não esteja prompto a fazer, conhecendo que elle se faz preciso para felicidade da *França*. Eu devo acrescentar que longe de jámais ter razão de queixa, pelo contrario, tenho somente motivos para estar satisfeito com o apego, e affeição da minha cara Consorte: ella aformoseou 15 annos da minha vida, cuja lembrança ficará sempre gravada em meu coração. Ella foi coroada pela minha mão. Eu desejo que ella conserve o lugar, e titulo de Imperatriz, e sobre tudo, que ella nunca duvide dos meus sentimentos, e que me considere sempre como o seu melhor e mais caro amigo.

Tendo acabado S. M. o Imperador e Rei, S. M. a Imperatriz disse o seguinte:

Com licença do meu caro e augusto Consorte devo declarar, que não conservando esperanza alguma de ter filhos, que possam realisar o que exige a sua politica, e os interesses da *França*, eu tenho a satisfação de lhe dar a maior prova de apego, e affecto que se tem dado sobre a terra. Tudo que tenho, recebi da sua bondade, foi sua mão quem me coroou, e do alto deste Throno só tenho recebido provas de affecto, e amor do povo *Francez*.

Julgo pois dar provas do meu reconhecimento consentindo na dissolução de hum matrimonio, que tem sido atégora hum obstaculo para a felicidade da *França*, que a tem privado da esperanza de ser hum dia governada pelos descendentes de hum grande homem, evidentemente elevado pela Providencia para apagar os males causados por huma terrivel revolução, e restabelecer o altar, o throno, e a ordem social. Mas a dissolução do meu matrimonio não mudará de modo algum os sentimentos do meu coração. O Imperador terá sempre em mim a sua melhor amiga. Eu sei quanto fez estremecer o seu coração este acto exigido pela politica, e por tão grandes interesses; mas nós ambos nos glorificamos do sacrificio, que fazemos para o bem da patria.

Depois do que, tendo SS. MM. Imperiaes exigido hum acto das suas respectivas declarações, e tambem do consentimento mutuo que ellas contém, e que SS. MM. derão á dissolução do seu matrimonio, e tambem os poderes, que SS. MM. nos conferirão para realisar, como se requer, a sua vontade. Nós, o Principe Archichancellor do Imperio, conforme as ordens, e o que exigem SS. MM., demos os ditos actos, e formamos depois o presente processo verbal para servir, e valer o que he razão, e SS. MM. o assignarão, e depois de ter sido assignado pelos Reis, Rainhas, Principes, e Princezas presentes, foi assignado por nós, e refrendado pelo Secretario de Estado da Familia Imperial.

(Assignados.)	{	<i>Napoléão.</i>	<i>Fernonymo Napoléão.</i>	<i>Hortensia.</i>
		<i>Josefina.</i>	<i>Joaquim Napoléão.</i>	<i>Catharina.</i>
		<i>Madame.</i>	<i>Eugenio Napoléão.</i>	<i>Paulina.</i>
		<i>Luiz.</i>	<i>Julia.</i>	<i>Carolina.</i>

Cambaceres, Principe Archichancellor.

O Conde *Regnault* (de *S. João d'Angely*.)

Tendo visto o projecto de ~~Senatus-Consultum~~ *Senatus-Consultum* feito na forma prescripta pelo artigo 57 do Acto da Constituição de 4 de Agosto de 1802, depois de ter ouvido os motivos do dito projecto, os Oradores do Conselho de Estado, e a relação da Commissão especial, nomeada na

sessão deste dia, depois de ter deliberado pelo número de membros prescritos pelo artigo 56 do acto da Constituição de 4 de Agosto de 1802, decreta:

Artigo 1.º O matrimonio contrahido entre o Imperador *Napoleão*, e a Imperatriz *Josefina* está dissolvido.

2.º A Imperatriz *Josefina* conservará o titulo, e posto de Imperatriz-Rainha coroada.

3.º O seu dote he fixado em huma renda annual de dois milhões de francos sobre a renda do Estado.

4.º Todas as consignações, que o Imperador fizer a favôr da Imperatriz *Josefina* sobre os fundos da lista civil, serão obligatorias para os seus successores.

5.º O presente *Senatus-Consultum* será transmittido por huma mensagem a S. M.

(*Moniteur de 17 de Dezembro.*)

Reflexões do Courier de Londres, e varios Periodicos sobre este assumpto.

Sabia-se, ha muito, que *Bonaparte* projectava dissolver o seu matrimonio com *Madama de Beauharnois*. Huma das causas das perseguições, que o Santo Padre supporta, ha dois annos, foi a recusação que elle fez de dar o seu assesso a este acto impio, que por fim se acaba de realizar. Elle foi acompanhado de algumas formalidades vans, conformes ás Leis revolucionarias, que fôrão observadas, a fim de fazer parecer valida aos olhos do povo *Francez* a dissolução de hum laço sagrado, que não se lhe representa, em opposição a todos os principios da Religião que elle professa, senão como hum contracto civil, sujeito ás mesmas mudanças, ou modificações, que tem as outras promessas reguladas pelas leis civis. Mas como pôde este povo, e todos os que seguem as maximas da Religião Catholica considera-lo como desobrigado por hum vão simulacro de divorcio civil das obrigações religiosas, que o Sacramento do Matrimonio impõem aos que o recebem?

Ao desprezo público de huma Religião, que o hypocrita finge seguir, salta aos olhos o perverso sentimento, que elle affecta em deixar huma Consorte de que não tem razão de queixa, (*) *sacrificio* que elle inculca feito á felicidade da *França*. Que seria deste pobre Imperio se não tivera esperanças de ser regido por hum descendente do mesmo *Bonaparte*! O caso he este: elle deseja livrar-se de huma velha, e casar com huma moça; e para que isto não pareça mal ao povo, diz que lhe custa muito, e que só para prosperidade da *França* que o detesta, he que sacrifica as inclinações do seu coração. — Assim também insinua evidentemente que nenhum da sua familia, ou da de sua mulher he digno, ou capaz de lhe succeder; e por isso sendo só de 40 annos, quer educar filhos segundo as suas vistas, e sentimentos. Que triste prespectiva para a raça humana, se a Providencia favorecesse os seus designios, dando-lhe descendencia com todos os seus sentimentos e vistas! Continuará sobre o globo o tropel de desgraças que o opprime, serão interminaveis os rios de sangue; e a guerra, e lucto jámais se ausentarião de entre os nossos vindouros.

Formão-se agora diversas conjecturas sobre a escolha, que *Napoleão* medita para acrescentar a bigamia á violação das leis da sua Religião. Alguns acreditão que, ha muito, está ajustado que elle casaria com huma Princeza *Russa*. Outros, pelo modo com que elle tratou El-Rei de *Saxonia*, e a viagem, que este Monarcha acaba de fazer a *Paris*, imaginão que a joven Princeza será immolada á sua politica. Comtudo oppõe-se a isso hum grande obstaculo. Esta Princeza, que tem huma coragem nobre a huma ardente piedade, já recusou a sua mão a *Jeronymo Bonaparte*, considerando-o com toda a razão como ligado pelos seus primeiros laços com *Miss Paterson*; e he de crer que ella não sacrificará os seus principios religiosos para participar de huma immoralidade semelhante, e ainda mais escandalosa. Em fim, como passando revista ás Familias Soberanas em que se imagina que *Bonaparte* poderia a seu gosto escolher huma nova esposa, não se vê Princeza alguma, que possa convir-lhe em razão da idade, da Religião, e de muitas outras circumstancias; considera-se como muito possível, que elle case com huma pessoa da sua familia, ou da de sua mulher; e que por meio de hum divorcio de mais, elle se faça marido da mulher de seu irmão *Luiz*.

(*) Segundo o folheto intitulado *La Sainte Famille*, *Bonaparte* recebeu em *Malta* no anno de 1798 cartas de *Madame* sua Mãe com a noticia de que sua mulher no mesmo dia, que soube que elle partira de *Toulon*, sahira de *Paris* para *Grobois*, e ali ficára com o seu antigo protector *Barras*. Isto deo causa a que *Bonaparte* escrevesse do *Cairo* em 25 de Julho a seu irmão *José*, queixando-se de uma scena escandalosa de manifesto adulterio, a que esta virtuosa Senhora estava publicamente acostuada antes de casar com elle.

Rio de Janeiro 30 de Março.

Huma Fragata Inglesa, que acaba de chegar a este Porto, vindo da Bahia, refere que dois dias antes que ella dali sahisse, entrara hum Navio de Lisboa com 28 dias de viagem, o qual dava por noticia o seguinte :

Que em Marselha havia hum insurreiçao mui seria. — Que á testa della se achava o General Massena. — Que este convocara Lord Collingwood, Commandante do cruzeiro sobre Toulon, para que se approximasse ao Porto de Marselha, e lhe participara a noticia, significando-lhe que não precisava soccorros alguns. — Que os Exercitos Portuguez, e Inglez estavam na raia de Portugal, e ião a entrar em Hespanha. Consta de outra parte: Que as forças Portuguezas, Hespanholas, e Inglezas passao de 15000 homens, e — Que os Exercitos Francezes na Hespanha não tinham sido reforçados com hum só homeni.

Em huma Folha Americana chamada Connecticut Gazette achamos impresso o seguinte :

Nova-Londres 7 de Fevereiro.

Extracto da carta de hum Inglez a hum seu amigo em Nova-York, datada a 24 de Dezembro.

Hoje recebemos noticias da Martinica pelas quaes parece que a expedição, intentada contra Guadalupe, estava muito adiantada; e espera-se que se faça á vela no principio do mez que vem. Com as tropas vindas de Inglaterra, poderão passar mostra 8 até 9000 homens. Não obstante a vigilancia dos nossos cruzadores, e por causa de elles estarem em calma, duas Fragatas Francezas com tropas conseguirão entrar em hum porto em o Norte de Guadalupe. As tropas, e parte das guarnições ainda não tinham tempo de chegar a terra na maior confusão quando huma partida de maritimos, capitaneados por Officiaes dos nossos Navios, desembarcaram, e tomaram de assalto hum forte bateria do modo mais inuepido. Elles se apossaram depois das Fragatas inimigas, que fizeram voar aos ares com toda a bagagem, e petrechos bordo. O Capitão Cameron, do Navio de S. M. Hazard, foi infelizmente morto quando ariava a bandeira Franceza. Ha mais duas Fragatas Francezas, escondidas por estes mares, que sem dúvida daremos boas contas. Estas quatro Fragatas, e hum Corveta, que tinham sido mandadas á Antigua, cheias de tropas, encontrarão a Fragata Juno, que algum tempo antes fôra tomada pela Fragata de S. M. Horacio. A Juno não se rendeu senão depois de hum accão de tres horas; tendo perdido 70 pessoas de equipagem. Ella estava tão completamente avariada, que quando o inimigo tomou posse della, foi obrigado a mette-la no fundo. O valoroso Commandante da Juno ficou morto no combate.

Para completar este Numero Extraordinario julgamos que não o podemos fazer melhor do que com as sabias reflexões de Mr. Pletier, no seu Ambigu, n. 242., sobre o Discurso de Bonaparte ao Corpo Legislativo que vem em o nosso n. 16 do presente anno. A não serem estas reflexões solidissimas, e do maior interesse ao nosso respeitavel Publico, não as geriríamos em numero extraordinario.

Sobre o ultimo Discurso de Bonaparte.

O anniversario da coroação do Usurpador foi celebrado sem que se apresentasse algum dos seus titulos tão pomposamente annunciados em seus jornaes. Bonaparte montou no coche intitulado da coroação com hum bigamo, e hum assassino; e era seguido de tres desgraçados Rees que a sedução encadeou a seu carro, e que a coacção nella conserva, e da victima infel que os jornaes Francezes appellidão Rainha de Westfalia. Depois, elle foi a hum Igreja, onde cantou hum Te-Deum em honra do restaurador da doutrina da incredulidade, e, depois de as ter visto profanar o templo do Eterno com preces sacrilegas, transportou-se ao lugar das sessões do Corpo Legislativo para ahi recitar hum discurso, que não foi mais notavel que a remonia, que se acabava de fazer. Assim Bonaparte, depois de ter feito presintir grandes danças na organização dos diversos paizes, que lhe estão sujeitos, depois de ter annunciado distribuiria esplendidas recompensas aos Principes que na derradeira guerra mostrarão zelo sua causa, não modelou novos Imperios, nem creou novos titulos; e mesmo parece ter dado para depois da inteira submissão de Hespanha (que elle annuncia com huma confiança que o tempo sem dúvida mostrará ridicula) a execução dos seus projectos. Submetteo, dize, Aragón e Castella: mas era a Hespanha toda que elle promettia subjugar no discurso cedente, e pela primeira vez as suas palavras não forão demasiado funestas, e verdadeiras.

ILEGIVEL

55

dicções. *Marchava*, diz elle, sobre *Cádiz e Lisbon*, quando se viu necessitado a ir plantar as suas aguias sobre as muralhas de *Vienna*, e terminou em tres mezes esta quarta guerra punica. Sem dúvida *Bonaparte* aplaudio-se a si mesmo por ter achado esta palavra para qualificar a ultima guerra, que terminou: não foi *Austria* a vencida, mas a nova *Carthago*! He *Inglaterra* quem foi batida em *Echmull*, e em *Wagram*, e quem deve gemer pelos desastres de *Vienna*. Sobre ella em firã he que se levantarão todos estes tributos, que augmentarão a miseria dos povos da Monarchia *Austriaca*! Este homem vê a *Inglaterra* por toda a parte; esta Potencia o persegue como hum fantasma, e, quando annuncia que diante d'elle o leopardo procurará o seu refugio no mar, nós acreditaríamos mais depressa que he este terrivel animal quem lhe monta nas ancas, e galopa com elle.

Sem dúvida, *Bonaparte* espera representar hum grande papel na historia, nem duvida que ella apresente hum dia a epocha em que seus crimes, e caracter lhe dêrão huma grande influencia, como a mais notavel, e gloriosa de todas as que estão marcadas em seus annos. Mas, se como elle o acredita, este juiz imparcial, e severo das acções humanas, der ás suas tão alta importancia, e tão grande celebridade, de que modo julga *Bonaparte* que a historia caracterizará, e a mesma posteridade considerará o papel, que a *Inglaterra* tem representado nesta epocha. Os mesmos discursos de *Bonaparte* bastarão para mostrar esta Potencia em hum ponto de vista talvez mais admiravel, e sem dúvida mais vantajoso do que aquelle em que elle mesmo será apresentado, se n'algum tempo a posteridade podesse supprer que no meio da dissolução da *Europa*, a *Inglaterra* não prodigalisou os seus thesouros, e o sangue dos seus soldados para proteger a legitimidade, e salvar a independencia das Nações; se ella podesse acreditar as reprehensões, e accusações de *Bonaparte* contra a unica Potencia, que o demora em sua carreira victoriosa; e que elle se indigna de não poder offender, nem intimidar; de certo ella veria com admiração que hum povo isolado, a quem hum inimigo encarnizado tem procurado fechar as avenidas do Continente, contra quem todas as Potencias fôrão obrigadas a entrar em huma liga, formada pelo odio, e ajudada pela cobardia, tenha podido, não obstante todas as desvantagens da sua posição, sublevar os povos, e os Soberanos contra o seu oppressor, organizar muitas coalições, e, quando o fogo da guerra parecia apagado pelas suas faltas, cerrações, ou desalento, reanima-lo outra vez a fim de perseguir, e inquietar incessantemente o flagello das Nações e dos Reis. *Bonaparte* teme de tal modo a influencia do systema seguido com tanta constancia pelos Ministros *Inglezes*, que vê por toda a parte o oiro, e ameaças da *Inglaterra*; onde tal coisa não existe; e quando as suas ameaças provôção os Soberanos á guerra, ou quando as suas atrocidades inflamão a indignação dos povos, he sempre a *Inglaterra* quem elle accusa da resistencia de huns, e da cólera dos outros.

Parece que na frase seguinte do discurso de *Bonaparte*, elle considera os contingentes dos Principes da Confederação do *Rhin* como compostos dos seus proprios soldados, e por consequencia, como seus, os vassallos destes Principes. *Acostumado*, diz elle, ao amor, e coragem dos meus Exercitos, devo comtudo reconhecer nestas circumstancias as provas particulares de affeição, que me dêrão os meus soldados de *Alemanha*. Nós não cremos que *Bonaparte* tenha querido fallar aqui abertamente dos soldados da Confederação, mas pensamos que de proposito usou de huma expressão ambigua, que igualmente comprehende estes soldados, e o Exercito *Francez*, que tem servido na *Alemanha*. He bem certo que elle considera como propriedade sua os territorios, e vassallos dos Principes da Confederação; mas em quanto precisar destes para completar a esparvidão da *Europa*, e o aviltamento das antigas familias Soberanas, não julgará necessario tirar a mascara, e dizer abertamente o que agora só está ajustado tacitamente entre si, e elles, a saber, que são seus delegados, e que tem menos poder, e independencia que os perfeitos dos Departamentos da *França*. Elle diz, que o genio da *França* conduzio o Exercito *Inglez*; que elle terminou seus projectos nos pestilentos pantanos de *Walcheren*. Sem dúvida que *Bonaparte* tem dado applausos a si mesmo pela imagem, e ironia, que apresenta esta frase; a qual todavia só offerece hum rodeio çafado, e trivial, como tudo o que he seu nos discursos, que pronuncia. Sim, nós esperamos que hum dia o genio da *França* conduzirá o Exercito *Inglez* para operar a restauração do que a *França* lamenta em segredo, a pezar dos artificios empregados para extraviar os seus desejos; e então não he nos pantanos de *Walcheren* que este bravo Exercito terminará os seus projectos.

Neste importante periodo, acrescenta elle, eu estava a 400 legoas de distancia certo da gloria, que meu povo saberia adquirir, e do grande caracter que desenvolveria. Aqui *Bonaparte* quer dar a mostrar a *Europa*, que as diversões, que se podem operar contra elle, o não inquietão de modo algum; e por isso calcula minuciosamente a distancia em que estava do pon-

to em que se realisou a ultima invasão: Elle tambem procura dar a conhecer que o seu povo não precisa da sua presença para desenvolver hum grande caracter. Tudo o que se sabe da sensação produzida na *Flandres*, e n'uma parte da *Hollanda* pela presença da Frota, e Exercito *Inglez* desmente este grande caracter. Os *Inglezes* são considerados como libertadores pelos povos, que esmaga o jugo da *França*, que empobrecem as suas ligações com ella, e que esperão recobrar o seu antigo nome, e sua antiga prosperidade. Mas, se o seu povo desenvolve este grande caracter, porque razão enviou elle aos paizes ameaçados hum destes inquisidores politicos; a quem encarrega de espiar o espirito publico, e formar listas de proscricção? Porque razão despachou para a *Flandres*, esse *Real*, aquelle seu Conselheiro de Estado, a quem está mais especialmente encarregada a parte politica da policia do tyranno? Este arbitrio politico assás indica que elle não está descansado na fidelidade dos seus povos, nem satisfeito da sua conducta nestas circumstancias, e que existe, ou existio nesta parte ameaçada pelos *Inglezes* alguma fermentação, cuja causa, e progressos só pôde descobrir a vista exercitada de hum revolucionario *Francez*. Eis-aqui hum novo insulto ás Nações opprimidas por *Bonaparte*: ao mesmo tempo que as cinge de espiões, louva-as pelo seu grande caracter.

Francezes! diz elle, com huma impudencia, que excita mais desgosto que indignação vós tendes á vista longos annos de gloria, e de prosperidade! E elle diz isto a huma Nação que tem reduzido ao derradeiro grão de escravidão, a quem trata, a quem dizima, a quem esfalca; a quem rouba a honra, e fructo das suas primeiras victórias, e que hoje mesmo subjugada com mais segurança, porque faz reobrar contra *França* os povos, que ella venceo. Que hum povo, acha a gloria na abjecção, e a prosperidade na guerra! Só o mais desafortado do tyrannos he que ousa insultar deste modo tanto as miserias, como as afflicções de huma Nação, que, antes de ser victima da sua insaciavel ambição, e da sua feroz politica, renascia para a honra, e para a sociabilidade. O caracter de influencia, que exercita *Bonaparte*, he acrescentar o insulto á oppressão, e ultrajar quando golpea. Elle termina esta insolente apostrophe por huma frase, que prova a sua tolice, e a sua inepecia. Vós tendes, exclama elle, a força, e energia do *Hercules* dos antigos. Assim elle compara huma Nação a hum homem, a hum ente fabuloso, cujos trabalhos são tão duvidosos como a sua existencia; e que nada fez que se pareça com as fúnestas victorias ganhadas pelos *Francezes*. Humas vezes queremos acreditar que este homem sonhou este absurdo em quanto estava no delirio da febre, ou no torpor da catalepsia. Que he o *Hercules* dos antigos? Ha algum *Hercules* dos modernos? E quando *Bonaparte* compara o povo *Francez* ao primeiro, terá a vaidade de querer suggerir que elle he o segundo, e isolár-se assim para servir de sustentaculo ao povo *Francez*? *Bonaparte*, como já dissemos antes, quer provar ás vezes que tem lido historia, semeando em seus discursos especies historicas. Agora quer persuadir que leu fabula, e o primeiro uso, que faz deste acrescimo de instrucção produz huma parvoice. Elle annuncia que unio os *Toscanos* ao seu Imperio, porque o merecião por causa da sua doçura de caracter, e do apego, que seus antepassados nos tem mostrado. Assim todos os povos, que tem doçura de caracter, devem esperar ser reunidos ao Imperio de *Napoleão*. Mas o que he o cumulo do delirio, he o que este insensato diz do apego, que os antepassados dos *Toscanos* lhes mostrarão. Elle sonhou, ha alguns annos, que era successor de *Carlos Magno*, cujas doações antigas e sagradas tem destruido, que era herdeiro legitimo dos *Borbões* de quem roubou os despojos, e matou hum dos renovos: agora sonha que os *Medicis* mostrarão apego á sua familia. He verdade que elle não apresenta isto em toda a sua accepção, e que fallando de nós, quer sómente fallar da sua pessoa, e dos Reis seus predecessores; mas o que aqui se tira ao absurdo, augmenta-se á impudencia, e se elle não pretende que os antepassados da virtuosa *Senhora Leticia* são de sangue real, declarase insolentemente a si, e aos seus, herdeiros das tres dynastias, que tem reinado em *França*. Sem dúvida que por isso que elle conta *Carlos V.* entre os seus predecessores he que elle quer reinar nas *Austrias*, e nas *Hespanhas*. Elle pretende que a historia lhe indicou a conducta que devia ter com *Roma*. Se elle tivéra lido bem a historia, saberia que os donativos feitos, ha mil annos, ao que elle chama *Roma* por *Pepino o Breve*, e não por *Carlos Magno*, são a recompensa de serviços feitos pelo Papa *Estevão a Pepino* no momento em que estubo ao throno; e se elle tambem tivéra seguido os principios de moral, que dimanão da historia, veria que não lhe era licito, sem a mais revoltante injustiça, retomar territorios possuidos pela mesma Potencia, ha tantos seculos, em virtude de huma doação fundada em o reconhecimento, que he o mais santo dos titulos. A autoridade temporal dos Papas era necessaria á pompa, e manutenção do seu poder espiritual; ella era mais vantajosa á catholicidade a que importava que os Papas tivessem assás independencia para não ser dominados por hum pod

ILEGIVEL

trangeiro, que poderia dirigir a sua influencia segundo o capricho da sua politica, e forçá-la a consagrar as suas usurpações. A authoridade dos Papas estava fixada, havia muito tempo, e se bem não estivesse limitada por convenções exactas, não havia Potencia na Europa e menos se podesse desviar da sua direcção natural, e inquietar as outras. Todas as razões, que *Bonaparte* dá por ter destruido o seu poder temporal provão a sua ignorancia, a sua corrupção, e a sua injustiça. Para que recorre elle a estes palliativos, que nem são fundados na historia, nem approvados pela razão, nem justificados pela moral? Porque não diz: *Eu reduzo o Papa á miseria, e ao desterro, porque nada mais pude obter d'elle além daquelle passo, que me deu ao meu poder huma apparencia de legitimidade, e que fez menos revoltante a cerimonia da minha coroação; porque não pude sujeitar a sua consciencia, e porque em fim me foi necessario, pois que aquelle que me póde fazer hum serviço importante, tem a faculdade de me descarregar hum golpe funesto.* Fallando da Peninsula de Italia, elle tem cuidado em dizer meus estados, o que prova que o Reino, dado a *Joaquim Murat*, faz parte dos estados de *Napoleão*, que elle não quer que se considere como hum Reino independente; que o valido *Joaquim*, que o almoz dos habitantes de *Madrid*, nem por ter feito mais crimes, he mais bem tratado do que os outros Reis pela sua cobardia, e que he bem como elles hum administrador coroado, hum dos perfeitos do grande imperio a quem *Bonaparte* deo demais do que áquelles que em este titulo, huma libré mais pomposa, e contornos mais brilhantes. Em fim, este profundo raciocinador, este homem, que usa tão bem das lições da historia, annuncia, que attendendo a que elle reconheceo *que a influencia do primeiro dos pastores era necessaria, elle não podia conciliar estes grandes interesses senão annullando a doação dos Imperadores Francezes seus antecessores, e unindo os Estados Romanos á França.*

Vê-se que *Bonaparte* destroe para conservar, e que se elle despoja o Papa do seu poder, o priva de territorios possuidos, ha mil annos, pelos descendentes do primeiro dos pastores, he porque elle reconheceo a necessidade de sua influencia espirital. Ninguem sem dúvida esperava semelhante consequencia, mas *Bonaparte* cuida tanto em pensar, segundo as regras da Logica, como em obrar conforme as leis da justiça, e tanto se applaude de hum máo raciocinio, como de huma má acção. Que vem a ser o Chéfe da Catholicidade, despojado de todo o apparatus, que convinha ao seu posto, e á sua influencia, desterrado para hum canto dos Estados de hum soldado feroz, e por consequencia seu vassallo? Póde elle conservar a pureza do dogma, e a sua authoridade espirital, quando assim, como todos os individuos sujeitos ás leis deste conquistador feroso, a sua cabeça está curvada debaixo do sabre, e sacrificada ao desterro, ou á morte? O Chéfe da Igreja não tem em torno de si conselhos, ou protectores. Se o tyranno, que acredita em a necessidade da sua influencia espirital, julga acertado dirigi-la segundo as vistas da sua politica, e faze-la servir ao successo do crime, elle não póde resistir senão expondo-se ao seu furor, e esta resistencia isolada que ninguem prova, que ninguem anima, nem póde sustentar-se por falta de apoio, nem servir de exemplo á catholicidade, nem provocar a indignação dos povos. Tendo pois *Bonaparte* tirado deste modo aos Papas todo o meio de protestar contra as suas violencias, póde suppor todos os actos que não poder arrancar, (*) sem que se possa descobrir se são authenticos; e quando os homens sensatos gemem pelos novos golpes, que elle descarregar sobre a Religião, o vulgo só verá nelles o exercicio da influencia espirital do primeiro dos pastores.

Elle annuncia aos Soberanos seus alliados augmentações de territorios como huma recompensa da constancia da sua amizade. Ah! que lhes importa alguns vassallos, alguns dominios acrescentados áquelles sobre que elles só tem huma authoridade precaria? Vassallos do mais orgulhoso, e feroz dos tyranos, o exercicio da sua soberania se limita a contar todos os annos os tributos de homens, e dinheiro, que lhes são impostos; a entregar a mocidade dos seus estados a esse Minotauro, que a devora á medida que ella chega á idade estabelecida para servir aos seus horrorosos banquetes; a abandonar-lhe para alimentar o seu fasto, e as suas guerras

(*) Segundo as ultimas noticias recebidas de França, o Santo Padre foi transferido de *Savona* para *Avinhão*, onde elle he guardado á vista do modo mais stricto. Com tanto rigor o tratão, que mesmo tem apartado d'elle as pessoas, que o tinham seguido na sua deportação. Sua Santidade tem recusado constantemente que o *Cardial Fesch* seja nomeado Patriarcha da Igreja Imperial. *M. Bigot de Préameneu*, Ministro actual dos cultos, escreveu ultimamente huma carta circular a todos os Bispos de França para os advertir, que os requerimentos, que elles, e seus diocesanos tivessem que fazer á Corte de Roma, devião ser-lhe dirigidos, e que elle teria cuidado de lhes fazer remetter as respostas do Santo Padre. Julga-se facilmente donde dimanará estas respostas. (*Ambigu* n. 237.)

os fructos do trabalho , e da industria dos seus vassallos. . . . Augmentando os seus territorios , não faz mais que estender a faculdade , que lhes dá , o dever que lhes impõe de opprimir em seu nome , e de fornecer-lhe meios de acrescentar a sua gloria , e suas conquistas , sem que por isso dê algum resplendor á sua existencia delles. *Bonaparte* sabe que estes Principes não lhe podem ser sinceramente affeiçãoados ; que elles sentem o peso , e a deshonra do jugo que os esmaga ; em fim que não vem nas pretendidas recompensas concedidas á constancia da sua amizade mais que hum acrescimo de servidão. Esta convicção do desprezo que elles tem para com a sua origem , e a repugnancia com que se prestão a representar o papel tão cruel como aviltador que lhes impõe , esta convicção lhe faz achar hum secreto gozo nos elogios ironicos , que prodigalisa á sua pretendida fidelidade , e no insulto que lhes faz , annunciando como huma recompensa o que só he hum novo ultraje , e huma confirmação da escravidão em que elle os retém.

As provincias Illyricas , diz elle , com emphase , *levão as fronteiras do meu grande Imperio até ao Save*. Sem nos demorarmos a discutir aqui se realmente o *Save* servirá de limite ao seu grande Imperio nesta parte da *Europa* , faremos observar que *Bonaparte* já não diz Imperio *Francez* , mas o meu grande Imperio. Assim eis aqui a *França* envolvida no Imperio de *Bonaparte* com todos os outros estados , que ella podia considerar como suas conquistas. Já não ha grande Nação , ha sómente hum grande Imperio. Este titulo fastuoso , dado ao povo *Francez* , não era mais que huma amargosa irrisão ; hum palliativo cruel , e ultrajante , usado por *Bonaparte* para disfarçar o projecto , ha muito concebido pelo seu odio de amalgamar a Nação *Franceza* com os povos incivilizados , que habitão as margens do *Save* , e de dar a hum feroz *Dalmaciano* os mesmos direitos que a hum *Francez*. Assim se realisarão os destinos , que elle promettia ao bom , e grande povo ; assim se terminão os sonhos brilhantes a que os *Francezes* se tinham abandonado , vendo seus Exercitos dirigidos por hum homem , que suas victorias tinham feito famoso.

Quando elle diz que estando *visinho do Imperio de Constantinopla* , elle poderá *superintender os primeiros interesses do seu commercio no Mediterraneo , Adriatico , e Levante* , elle annuncia que se prepara para a conquista da *Turquia* e para penetrar até á *Persia*. Os que tem seguido a marcha de *Bonaparte* , e estudado os seus discursos , tem sempre observado que elle nunca tem deixado de annunciar de antemão algum dos seus projectos por mui remoto e extraordinario que elle fosse. Ha sete annos que elle promettia ao seu commercio novos *escoadouros* ; hoje que elle julga que os tem abertos , annuncia que vai *superintender os primeiros interesses do seu commercio no Mediterraneo , Adriatico , e Levante*. Para elle , *superintender* he conquistar assim como *aperfeçoar* he arruinar. Assim eis-ahi temos novos aspectos a que o precipita a sua ambição , e que devoraráo as gerações mais rapidamente que as guerras que elle acaba de terminar. Porque não se deve crer que este Imperio da *Turquia* (a que elle promette a sua protecção , se acaso se subtrahir a fatal influencia de Inglaterra , mas que elle bem saberá punir se acaso se deixar governar por conselhos astutos e perfidos) possa ser tão facilmente destruido quanto parece indicar o seu estado de fraqueza , e de dissolução.

Depois da Nação *Turca* , que *Bonaparte* saberá punir , menciona-se á Nação *Suissa* , que elle quer tranquilisar , *annexando a seus titulos o de seu Mediador* , o que deve ; diz elle , *terminar a inquietação* , que se tem procurado *espalhar entre este bravo povo*. Mas se este bravo povo sabe que *Bonaparte* nunca está tão proximo a dar hum passo cruel , e a consumir huma traição atroz , senão quando desmente os boatos precursores , que os annuncião , elle deve esperar vêr bem depressa reinar sobre si algum dos salteadores a quem por premio do seu apego , e serviços , *Napoleão* tem promettido coroas. He verdade que a insurreição do *Tyrol* , e a fermentação surda , que ella tinha causado na *Suissa* , o obrigão a alguma circumspecção , e que até á inteira submissão do bravo povo , que rechaza o seu jugo , e daquelle que o supporta com custo , não pode realisar o projecto que tem formado de reunir talvez hum e outro debaixo das mesmas leis , e do mesmo senhor ; mas acreditar que o filho do Jacobinismo , o heroe da usurpação deixará substituir huma só forma antiga de governo , cu huma só república por toda a parte onde elle tiver alguma influencia , he conhecer bem pouco o odio , que elle tem a toda a instituição que elle não creou , e que offerece algum vestigio dos principios de liberdade mais proclamados , que seguidos , pelos demagogos seus illustres predecessores.

(Continuar-se-ha.)